

O batismo de fogo e a despedida do plenário

■ Marina cativa colegas mas tem disposição de seringueira para briga

MARCEU VIEIRA

BRASÍLIA — Marina Silva, morena bonita e magricela curtida nos seringais da Amazônia, venceu sua primeira batalha no Senado. Na barafunda reinante na posse do novo Congresso, foi mais requisitada que políticas como o cacique baiano do PFL Antônio Carlos Magalhães, seu vizinho de gabinete na ala Teotônio Vilela. Em dia de eleição para a Mesa Diretora, atraiu mais atenções que o novo presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP). Salto alto, blazer e vestido longo de crepe de seda bege com discreta estampa de flores — tudo novo, comprado na véspera numa loja da grife paulista Reinaldo Lourenço —, Marina irradiava alegria. “Estou feliz com a confiança que têm em mim, mas a responsabilidade é grande”, dizia, com olhar de assustada.

Marina não tem jeito de princesa, mas foi com sua história de Cinderela que pisou no Senado. Com as marcas de quem derrotou o próprio destino — uma cicatriz no nariz deixada pela leishmaniose, uma hipoglicemia herdada de uma hepatite que a deixou à morte —, a ex-seringueira, companheira de lutas de Chico Mendes, completou ontem mais um ciclo de sua redenção. Nasceu menina paupérrima num seringal do Acre. Dividiu comida e espaço com família de 11 filhos. Foi alfabetizada aos 16 anos e só conheceu namorado depois dos 19. Formou-se em História, sabe Deus como, aos 26 e chega ao Senado aos 37, abençoada por mais de um terço do total de votos de seu estado.

Tantas dores fizeram de Marina, mãe de quatro filhos, uma mulher tímida, mas guerreira das causas em que acredita. Mostrou isso logo no primeiro dia de Congresso, quando passou por um teste de fogo na cerimônia de posse. Chamada a se sentar na poltrona mais à esquerda na primeira fileira do plenário — lugar destinado ao primeiro representante de seu estado —, encontrou esparramado na cadeira o paraibano Antônio Mariz (PMDB). “Senador, esse lugar aí é da senadora Marina”, informou, gentilmente, um funcionário do cerimonial. “Já vou sair”, respondeu Mariz, sem mover um músculo do corpanzil. Marina, que tem pouco menos de 1,70m e 51 quilos, não perdeu a pose. Recuou quatro fileiras e se sentou ao lado da amiga Benedita da Silva (PT-RJ). Não demorou um minuto e...

“Desculpe, senadora, mas esse lugar aí é o meu”, impacientou-se o senador Lucídio Portela (PPR-PI), batendo no ombro de

Marina. “O senador Mariz está no meu lugar”, devolveu a acreana, sem se levantar. Ficou, foi a primeira convocada a jurar fidelidade à Constituição e brilhou como nenhum dos outros 67 empossados.

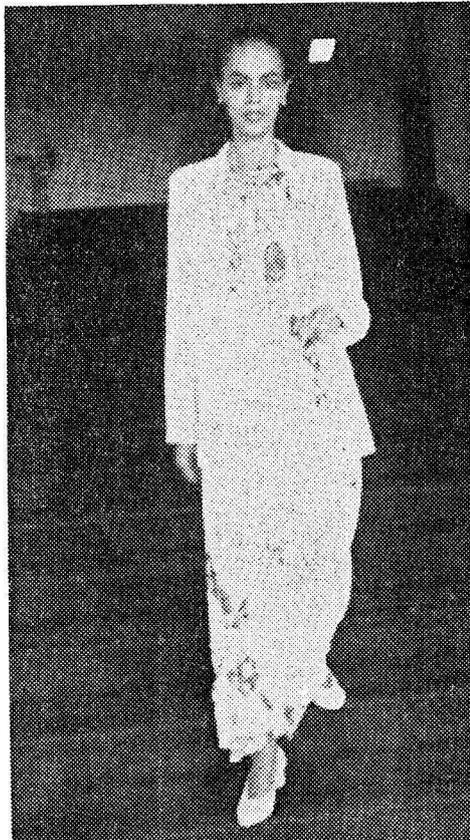
Descontadas as cenas de bajulação explícita ao ministro do Planejamento, José Serra (PSDB-SP), que deixou o governo por um dia para tomar posse no Senado, Marina foi de longe a mais cumprimentada. Roberto Requião (PMDB-PR) demorou-se com ela numa conversa interminável. Antônio Carlos Magalhães abriu o sorriso para lhe dar os parabéns.

Tanto sucesso fez de Marina o orgulho do PT. “Ninguém me apresentou, mas eu já a acho um barato total”, esqueceu o mau humor a professora Maria da Conceição Tavares (RJ), novidade petista na Câmara dos Deputados. “De política não quero falar, mas dessa moça, a Marina, eu falo. Ela é um *barataço*.”

“Ela é frágil, doce, mas vira uma gigante na discussão política”, disse o deputado Milton Temer (PT-RJ), outra estreante.

Marina tomou posse sabendo que não é apenas uma senadora do Acre, mas de um Brasil que vê em sua trajetória um exemplo de redenção. “Eu pareço gente, por isso dizem que o Brasil se vê em mim.” Se tem disposição para a briga? “Costumo dizer que, entre mim e Dom Quixote, a diferença é que ele duelava com moinhos de vento achando que eram gigantes. Eu duelo com gigantes achando que são moinhos de vento”, anunciou.

Brasília — Jamil Bittar



Marina estreou vestida com grife paulista

■ Nelson Carneiro deixa emocionado 42 anos de atividade parlamentar

ALEXANDRE MEDEIROS

BRASÍLIA — Um senhor de andar alquebrado e fala inaudível encerrou seu último expediente no Senado Federal às 16h30 do dia 31 de janeiro de 1995. Não se despediu de nenhum de seus funcionários, alguns já tão amigos que se intitulam “da família”. Murmurou uma palavra qualquer na saída, como se fosse voltar no dia seguinte, e teve de desviar seu corpo frágil de dezenas de caixas de papelão amontoadas nos corredores, mesas e cadeiras empoeiradas, estantes, quadros, diplomas e fotos de senadores e deputados em mudança, alquimia de ranço e novidade que o Congresso consagra de quatro em quatro anos. São uns que vêm chegando, outros que vão embora.

Ele, o senhor de 84 anos, foi embora. Evitou falar de despedidas e driblou o repórter no dia 31: “Hoje, não. Tô muito abafado. Liga amanhã de manhã lá *prá* minha casa. A gente marca e conversa com calma”. Na verdade, o senador Nelson de Souza Carneiro, nascido em Salvador em abril de 1910, autor de dezenas de leis que tratam dos direitos da família (como a do divórcio), não queria reavivar lembranças de seu último expediente em 65 anos de vida pública e pouco mais de 42 de atividade parlamentar. Uma tática para esquecer? “Mágoa no coração, a gente não tem como

Brasília — Josemar Gonçalves



Nelson, com Laura: emoção no adeus

esquecer. É como a dor”, aferiu o senador, num segundo de abatimento. Depois, emendou: “Agora é pensar para frente, no amanhã”.

O cidadão bem-humorado que entrou poucos antes das três da tarde do dia 1º de fevereiro de 1995 no gabinete 516 da Câmara dos Deputados não guardava sinal da amargura do senador da véspera. “Ôi, meu filho, desculpe o atraso. Está uma fila danada nos elevadores. Já estava quase vindo pela escada”, brincou com o repórter, antes de sentar e esperar pela filha Laura Carneiro, deputada federal eleita (PP-RJ). “No princípio vou ficar por aqui, dando um apoio a ela. Tenho que arrumar meus arquivos, jogar muita coisa fora. Vou manter uma casa em Brasília para acompanhar o trabalho dela. A Laura vai dar seguimento ao meu trabalho e ao meu nome”, previu.

Laura chegou em cima da hora da posse, mas o pai tratou de acalmá-la: “Não tem segredo, não fica nervosa. Chega lá, diz *eu prometo etc* e pronto, acabou”, ensinou, como se a filha tivesse o tanto de estrada que ele tem. Nelson ainda não sabe se aceita o convite do prefeito César Maia para ser uma espécie de *embaixador* na capital federal: “Tem o convite, mas ainda não decidi. Quero continuar trabalhando em Brasília, posso ajudar”.

Mas a saudade do Rio que abraçou a partir de 1958 é forte o bastante para fazê-lo pensar em um bom período de descanso à beira-mar e até voltar a cultivar um amor antigo: “Tenho lá minha casa, devo ir quando tudo aqui se ajeitar. Ai posso ver alguns jogos do Botafogo. Dizem que o time está melhorando”, confidenciou, arquitetando planos de lazer depois de cinco mandatos como deputado federal, três como senador e 32 horas como presidente da República — por conta de uma viagem de José Sarney, em 1990 — durante os quais teve poucas folgas e férias e muito trabalho.

Ontem, pelos imensos corredores do Congresso, entre o gabinete 516 e o plenário da Câmara, Nelson foi saudado por velhos amigos e novos parlamentares, como o deputado federal Lindberg Farias (PC do B-RJ): “Ôi, senador, me dá um abraço. Vou lhe fazer uma visitinha. Pegar umas lições”. De braços dados com a filha, como bom pai *coruja*, o senador tinha um sorriso nos lábios, expressão que seu rosto já não produzia desde a derrota nas urnas em 94.

Quando entrou no plenário, já não queria lembrar de traições — embora não perdoe o governador Marcello Alencar por tê-lo preterido por Artur da Távola na disputa pelo Senado — ou despedidas. Ficou sentado ao lado da filha e chorou duas vezes. A primeira, na execução do Hino Nacional. A segunda, quando Laura Carneiro fez seu juramento de deputada. Já então, eram lágrimas de alegria.